



NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!

Boletim Sindical do Partido Operário Revolucionário - Ano XIV - Julho 2018 / e-mail: nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org

POLÍTICA OPERÁRIA

Somente a classe operária organizada pode derrotar a política antinacional e antipopular de Temer

O governo espera fazer o leilão de linhas de transmissão de energia da Eletrobras, no final de julho. Os leilões de bacias petrolíferas do Pré-sal atraíram poderosas petroleiras, como Exxon, Chevron, Shell, etc. Está nas contas do governo entreguista privatizar as refinarias da Petrobras. O entreguismo quer dizer desestatização e desnacionalização da economia. Desnacionalização significa colocar nas mãos do capital estrangeiro, portanto, do imperialismo setores estratégicos da economia nacional.

Esteve presente no Brasil o vice-presidente dos Estados Unidos, Mike Pence, porta-voz do governo Trump. O objetivo de sua "visita" foi a de pressionar o Brasil a seguir a política de intervenção do imperialismo norte-americano na Venezuela e na América Latina. E de conseguir um acordo que coloca a Base de Alcântara, no Maranhão, para que os Estados



O objetivo da "visita" Mike Pence foi a de pressionar o Brasil a seguir a política de intervenção do imperialismo norte-americano na Venezuela e na América Latina.

meio da luta operária. É preciso retomar a greve geral de 28 de abril do ano passado.

Unidos possam desenvolver seus projetos espaciais. O que facilitará seu o controle militar do Brasil e região.

Essa política entreguista de Temer é responsável pela reforma trabalhista e pela Lei da Terceirização. De um lado, aumenta o desemprego e o subemprego. De outro, destrói antigos direitos. A entrega de patrimônios nacionais e as reformas antipopulares objetivam ter recursos para sustentar a gigantesca dívida pública e alimentar o parasitismo dos banqueiros.

O Boletim Nossa Classe luta por organizar um movimento anti-imperialista. Defende que os sindicatos e as centrais convoquem as assembleias e organizem os comitês de frente única anti-imperialista. É preciso derrotar o entreguismo por

Não se deixar enganar

O governo de ditadura civil de Michel Temer quer vender as empresas estatais para o capital estrangeiro. A Petrobras e a Eletrobras já estão sendo negociadas em leilões onde o governo brasileiro ficará como sócio menor. Não devemos nos deixar enganar com falsas justificativas defensores das privatizações, tais como: o País não tem re-

ursos financeiros, a Petrobras está endividada e a Eletrobras quebrada. Esse discurso mentiroso é apenas a forma que encontram para entregar ao imperialismo um precioso patrimônio público nacional.

O Boletim Nossa Classe defende o fim das privatizações e a estatização sob o controle operário.

A terceirização tem de ser respondida com greves e manifestações

Operários da empresas terceirizadas fizeram greve na Braskem e na Firestone por reajuste salarial e contra o aumento do convênio médico. Na Braskem, entraram em greve os operários da Manserv, Rip, Chiarelli, Enterpa, Odebrecht por aumento dos salários e do Vale Refeição e pelo cumprimento das cláusulas do acordo coletivo.

As empresas ofereceram um reajuste de 2,5% retroativo a 1º de maio, aumento do Vale Refeição de 620,00 para 670,00, no mínimo 30 dias de estabilidade para todos, 50% do pagamento dos dias parados. Com exceção da Manserv, a direção do sindicato convenceu a assembleia que deveria aceitar o acordo. No caso da Manserv, houve a imposição da chamada coparticipação no convênio médico. O que quer di-

zer que os trabalhadores teriam de pagar uma parte do preço da consulta. Isso significa perder salário.

O Boletim Nossa Classe, porta-voz do Partido Operário Revolucionário, participou das assembleias. Defendeu a unidade da classe operária contra os patrões. Que o sindicato Construmob convocasse uma assembleia de todos os terceirizados. E que não isolasse a greve da Mansev. O militante do Boletim Nossa Classe defendeu ainda que o ataque aos salários por meio da coparticipação atingirá todas as empresas que têm convênio médico. Concluiu mostrando que o desemprego, subemprego, a terceirização e a reforma trabalhista devem ser combatidos por todos os explorados.

Economia não cresce, o desemprego aumenta

A previsão era de que haveria um crescimento de 3% do Produto Interno Bruto (PIB). Agora, já se fala em 1,6%, na melhor das hipóteses. O governo golpista de Temer começou sua ditadura civil dizendo que faria o País dar um salto à frente. Está calado, uma vez que, com o baixo crescimento, o desemprego e o subemprego continu-

am altos. O trabalho informal padeceu de uma perda de ganho de até 10%. São 38 milhões de trabalhadores que sobrevivem na informalidade. Ganham em média R\$ 941,70, menos que o salário mínimo. Sem carteira profissional, essa multidão não tem nenhum direito e não tem como se aposentar.

O Boletim Nossa Classe denuncia

esse câncer do capitalismo. Defende que os sindicatos organizem nacionalmente uma campanha em defesa dos empregos e dos salários. Todo trabalhador tem de ter a carteira assinada. Lutemos contra as demissões, defendendo a redução da jornada de trabalho sem reduzir os salários (escala móvel das horas de trabalho).

Qual “Dia do Basta” serve aos explorados?

As centrais sindicais marcaram para 10 de agosto o “Dia Nacional do Basta”. Entregaram no Congresso uma lista de reivindicações, “Agenda Prioritária”. A CUT está preparando por meio de Plenárias Interestaduais, esse dia nacional. Tem como objetivo particular a campanha do “Lula livre”. E pretende utilizar o “Dia do Basta” para lançar uma plataforma para as eleições de 2018. Ao mesmo tempo, diz que “o povo não quer privatização”, não quer a privatização da previdência, da saúde, da educação e da Petrobras. “Muito menos desemprego”. No dia 15 de agosto, fará uma série de atos de apoio ao registro da candidatura de Lula.

Está claro, portanto, que o “Dia do Basta” servirá de propaganda eleitoral. Assim, a classe operária e demais explorados não terão o verdadeiro dia de luta contra o desemprego, o subemprego, a reforma trabalhista, a lei da terceirização, os cortes na saúde e outras reivindicações.

O Boletim Nossa Classe defende que em 10 de agosto seja realizada uma verdadeira mobilização contra as privatizações e as reformas antinacionais e antipopulares de Temer. Que seja o ponto de partida para organizar uma frente única anti-imperialista. Nada de eleitoralismo! Nada de confiar no Congresso Nacional! Confiar apenas na mobilização coletiva, nas greves e manifestações.

Divulguem e participem do Boletim Nossa Classe. É um Boletim que vive apenas da contribuição de seus militantes e dos trabalhadores. Façam sua contribuição. Mais do que isso, participem denunciando a exploração nas fábricas.

No Boletim Nossa Classe de junho iniciamos uma série de notas sobre a Oposição metalúrgica no interior da Volks. A primeira parte foi sobre a origem. Agora, relatamos o acordo de redução salarial e demissão.

A luta da Oposição contra a flexibilização capitalista do trabalho

O acordo que impôs a semana de 4 dias, com redução de 15% nos salários e que incluía o banco de horas foi firmado em 1998, teve duração de 3 anos.

No início de 2001, a multinacional e o sindicato procuraram renovar o acordo. A direção do sindicato convocou assembleia para informar que era favorável à renovação. No interior da Volks, a oposição iniciou a campanha contra a renovação do acordo, realizando assembleias nos setores que representavam e por meio do boletim da Oposição.

A montadora fez todo tipo de pressão e ameaças aos trabalhadores, para aprovar o acordo. A burocracia, por sua vez, dizia que o acordo havia impedido a demissão de 7.500 metalúrgicos. Tudo mentira! Em 1998, havia 24 mil operários. Em 2001, restaram apenas 16 mil.

A Oposição estava certa em criticar e rejeitar o acordo de flexibilização capitalista do trabalho. Acordo esse que facilitava a redução do salário e, ainda por cima, acobertava as demissões.

(No próximo Boletim daremos continuidade à história da Oposição na Volks)